Sonetos Amorosos

CLXI

A chaga que, Senhora, me fizestes,
Não foi para curar-se em um só dia;
Porque crescendo vai com tal porfia,
Que bem descobre o intento que tivestes.

De causar tanta dor vos não doestes.
Mas, a doer-vos, dor me não seria,
Pois já com esperança me veria
Do que vós que em mim visse não quisestes.

Os olhos com que todo me roubastes
Foram causa do mal que vou passando;
E vós estais fingindo o não causastes.

Mas eu me vingarei. E sabeis quando?
Quando vos vir queixar porque deixastes
Ir-se a minha alma neles abrasando.

Sonetos Amorosos

CLXII

Se com desprezos, Ninfa, te parece
Que podes desviar do seu cuidado
Um coração constante, que se oferece
A ter por glória o ser atormentado,

Deixa a tua porfia e reconhece
Que mal sabes de amor desenganado,
Pois não sentes nem vês que em teu mal cresce,
Crescendo em mim, de ti mais desamado.

O esquivo desamor com que me tratas,
Converte em piedade, se não queres
Que cresça o meu querer em teu desgosto.

Vencer-me com cruezas nunca esperes;
Bem me podes matar, e bem me matas;
Mas sempre há-de viver meu pressuposto.

Sonetos Amorosos

CLXIII

Senhora minha, se eu de vós ausente
Me defendera de um penar severo,
Suspeito que ofendera o que vos quero,
Esquecido do bem de estar presente.

Trás este logo sinto outro acidente,
E é ver que, se da vida desespero,
Perco a glória que, vendo-vos, espero;
E assim estou em meus males diferente.

E nesta diferença, meus sentidos
Combatem com tão áspera porfia
Que julgo este meu mal por desumano.

Entre si sempre os vejo divididos;
E se acaso concordam algum dia,
E só conjuração para meu dano.

Sonetos Amorosos

CLXIV

No regaço da Mãe Amor estava
Dormindo tão formoso que movia
O coração que mais isento o via,
E a sua própria mãe de amor matava.

Ela, com os olhos nele, contemplava
A quanto estrago o mundo reduzia;
Ele porém sonhando lhe dizia
Que todo aquele mal ela causava.

Soliso que, graduado em seus amores,
De saber de ambos mais teve a ventura,
Assim soltou a dúvida aos pastores:

"Se bem me ferem sempre, sem ter cura,
Do Menino os ardentes passadores
Mais me fere da Mãe a formosura".

Sonetos Amorosos

CLXV

Este terrestre caos com seus vapores
Não pode condensar as nuvens tanto
Que o claro Sol não rompa o negro manto
Com suas belas e luzentes cores.

A ingratidão esquiva de rigores
Oposta nuvem é, que dura enquanto
Nos não converte o Céu em triste pranto
Suas vãs esperanças, seus favores.

Pode-se contrapor ao Céu a Terra,
E estar o Sol por horas eclipsado,
Ms não pode ficar escurecido;

Pode prevalecer a vossa guerra;
Mas, apesar das nuvens, declarado
Há-de ser vosso Sol, e obedecido.

Sonetos Amorosos

CLXVI

Uma admirável erva se conhece,
Que vai ao sol seguindo de hora em hora,
Logo que ele do Eufrates se vê fora,
E, quando está mais alto, então floresce.

Mas, quando ao Oceano o carro desce,
Toda a sua beleza perde Flora,
Porque ela se emurchece e se descora,
Tanto com a luz ausente se entristece!

Meu Sol quando alegrais esta alma vossa,
Mostrando-lhe esse rosto que dá vida,
Cria flores em seu contentamento.

Mas logo em vão vos vendo, entristecida
Se murcha e se consome em grão tormento.
Nem há quem vossa ausência sofrer possa.

Sonetos Amorosos

CLXVII

Crescei, desejo meu, pois que a Ventura
Já vos tem nos seus braços levantado;
Que a bela causa de que sois gerado
O mais ditoso fim vos assegura.

Se aspirais por ousado a tanta altura,
Não vos espante haver ao Sol chegado;
Porque é de águia real vosso cuidado,
Que quanto mais o sofre, mais se apura.

Ânimo, coração, que o pensamento
Te pode inda fazer mais glorioso,
Sem que respeite a teu merecimento.

Que cresças inda mais é já forçoso,
Porque, se foi ousado o teu intento,
Agora de atrevido é venturoso.

Sonetos Amorosos

CLXVIII

É o gozado bem em água escrito;
Vive no desejar, morre no efeito;
O desejado sempre é mais perfeito,
Porque tem parte alguma de infinito.

Dar a uma alma imortal gozo prescrito
Em verdadeiro amor fora defeito;
Por modo superior, não imperfeito,
Sois excepção de quanto aqui limito.

De uma esperança nunca conhecida,
Da fé do desejar não alcançada,
Sereis mais desejada possuída.

Não podeis da esperança ser amada.
Vista podereis ser, e então mais crida.
Porém, não sem agravo comparada.

Sonetos Amorosos

CLXIX

De quantas graças tinha, a Natureza
Fez um belo e riquíssimo tesouro;
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angélica beleza.

Pôs na boca os rubis, e na pureza
De belo rosto as rosas, por quem mouro,
No cabelo o valor do metal louro;
No peito a neve em que a alma tenho acesa.

Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez deles um sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.

Enfim, Senhora, em vossa compostura
Ela a apurar chegou quanto sabia
De ouro, rosas, rubis, neve e luz pura.

Sonetos Amorosos

CLXX

Nunca em amor danou o atrevimento;
Favorece a Fortuna a ousadia;
Porque sempre a encolhida cobardia
De pedra serve ao livre pensamento.

Quem se eleva ao sublime Firmamento,
A estrela nele encontra que lhe é guia;
Que o bom que encerra em si a fantasia
São umas ilusões que leva o vento.

Abrir-se deve passos à ventura;
Sem si próprio ninguém será ditoso;
Os princípios somente a sorte os move.

Atrever-se é valor, e não loucura;
Perderá por covarde o venturoso
Que vos vê, se os temores não remove.

Sonetos Amorosos

CLXXI

Na margem de um ribeiro, que fendia
Com líquido cristal o verde prado,
O triste pastor Liso debruçado
Sobre o tronco de um freixo assi dizia:

“Ah, Natércia cruel, quem te desvia
Esse cuidado teu do meu cuidado?
Se tanto hei-de penar desenganado.
Enganado de ti viver queria.

Que foi daquela fé que tu me deste?
Daquele puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar pôde tão asinha?

Quando esses olhos teus noutro puseste,
Como te não lembrou que me juraste
Por toda a sua luz que eras só minha?”

Sonetos Amorosos

CLXXII

Se me vem tanta glória só de olhar-te,
É pena desigual deixar de ver-te;
Se presumo com obras merecer-te.
Grão paga de um engano é desejar-te.

Se aspiro por quem és a celebrar-te,
Sei certo por quem sou que hei-de ofender-te;
Se mal me quero a mim por bem querer-te,
Que prémio querer posso mais que amar-te?

Porque um tão raro amor não me socorre?
Ó humano tesouro! Ó doce glória!
Ditoso quem à morte por ti corre!

Sempre escrita estarás nesta memória;
E esta alma viverá, pois por ti morre,
Porque ao fim da batalha é a vitória.

Sonetos Amorosos

CLXXIII

Criou a Natureza damas belas,
Que foram de altos plectros celebradas;
Delas tomou as partes mais prezadas;
E a vós, Senhora, fez do melhor delas.

Elas, diante vós, são as estrelas,
Que ficam, com vos ver, logo eclipsadas.
Mas, se elas têm por Sol essas rosadas
Luzes de Sol maior, felizes elas!

Em perfeição, em graça e gentileza,
Por um modo entre humanos peregrino,
A todo o belo excede essa beleza.

Oh! quem tivera partes de divino
Para vos merecer! Mas se pureza
De amor vale ante vós, de vós sou dino.

Sonetos Amorosos

CLXXIV

Que esperais, esperança? Desespero.
Quem disso a causa foi? Uma mudança.
Vós, vida, como estais? Sem esperança.
Que dizeis, coração? Que muito quero.

Que sentis, alma, vós? Que amor é fero.
E enfim, como viveis? Sem confiança.
Quem vos sustenta, logo? Uma lembrança.
E só nela esperais? Só nela espero.

Em que podeis parar? Nisto em que estou.
E em que estais vós? Em acabar a vida.
E tende-lo por bem? Amor o quer.

Quem vos obriga assim? Saber quem sou.
E quem sois? Quem de todo está rendida.
A quem rendida estais? A um só querer.

Sonetos Amorosos

CLXXV

Se alguma hora essa vista mais suave
Acaso a mim volveis, em um momento
Me sinto com um tal contentamento
Que não temo que dano algum me agrave.

Mas, quando com desdém esquivo e grave,
O belo rosto me mostrais isento,
Uma dor provo tal, um tal tormento
Que muito vem a ser que não me acabe.

Assim está minha vida ou minha morte
No volver desses olhos, pois podeis
Dar, c'uma volta deles, morte ou vida.

Ditoso eu, que o Céu quer (ou minha sorte)
Que ou vida, para dar-vo-la, me deis,
Ou morte, para haver morte querida.

Sonetos Amorosos

CLXXVI

Tanto se foram, Ninfa, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vão passando já por natureza
O que por acidente iam passando.

No que ao sono se deve estou velando,
E venho a velar só minha tristeza;
O choro não abranda esta aspereza,
E meus olhos estão sempre chorando.

Assim, de dor em dor, de mágoa em mágoa,
Consumindo-se vão inutilmente,
E esta vida também vão consumindo.

Sobre o fogo de Amor, inútil água;
Pois eu em choro estou continuamente,
E do que vou chorando te vás rindo.

Sonetos Amorosos

CLXXVII

Divina companhia que nos prados
Do claro Eurotas ou no Olimpo monte,
Ou sobre as margens da Castália Fonte,
Vossos estudos tendes mais sagrados.

Pois por destino dos imóveis fados
Quereis que em vosso número me conte
No eterno templo de Belorofonte
Ponde em bronze estes versos entalhados:

“Soliso (por que em séculos futuros
Se veja da beleza o que merece
Quem de sábia doudice a mente inflama),

Seus escritos, da sorte já seguros,
A estas aras em uma mão oferece,
E a alma em outra à sua bela dama.”

Sonetos Amorosos

CLXXVIII

Se em mim, ó alma, vive mais lembrança
Que aquela só da glória de querer-vos,
Eu perca todo o bem que logro em ver-vos,
E de ver-vos também toda a esperança.

Veja-se em mim tão rústica esquivança,
Que possa indigno ser de conhecer-vos;
E, quando em mor empenho de aprazar-vos,
Vos ofenda, se em mim houver mudança.

Confirmado estou já nesta certeza;
Examine-me vossa crueldade,
Experimente-se em mim vossa dureza.

Conheci já de mim tanta verdade,
Pois em penhor e fé desta pureza,
Tributo vos fiz ser o que é vontade.

Sonetos Amorosos

CLXXIX

Qual tem a borboleta por costume,
Que, enlevada na luz da acesa vela,
Dando vai voltas mil, até que nela
Se queima agora, agora se consome;

Tal eu correndo vou ao vivo lume
Desses olhos gentis, Aónia bela;
E abraso-me, por mais que com cautela
Livrar-me a parte racional presume.

Conheço-o muito a que se atreve a vista,
O quanto se levanta o pensamento,
O como vou morrendo claramente.

Porém não quer Amor que lhe resista,
Nem a minha alma o quer; que em tal tormento,
Qual em glória maior, está contente.

Sonetos Amorosos

CLXXX

Lembranças de meu bem, doces lembranças,
Que tão vivas estais nesta alma minha,
Não queirais mais de mim, se os bens que tinha
Em poder vedes todos de mudanças.

Ai, cego Amor! Ai, mortas esperanças,
De que eu em outro tempo me mantinha!
Agora deixareis quem vos sustinha,
Acabaram com a vida as confianças.

Co a vida acabaram, pois a ventura
Me roubou num momento aquela glória
Que, quando tão grande é, tão pouco dura.

Oh! se após o prazer fôra a memória!
Ao menos, estivera a alma segura
De ganhar-se com ela mais vitória.